



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

OCORRÊNCIA DE NEOPLASIA MALIGNA DE ESÔFAGO ENTRE OS ANOS 2008-2017 NAS REGIÕES BRASILEIRAS

Autores: ANA CLARA NERI, JAQUELINE TEIXEIRA TELES GONÇALVES, LUANA INOSTROSA MAYNART, VANESSA VELOSO ELEUTÉRIO, RENATA FERREIRA SANTANA, MICHELLE APARECIDA RIBEIRO BORGES, KARINA ANDRADE DE PRINCE

RESUMO: O câncer de esôfago é a sexta causa de morte por câncer no mundo. É uma neoplasia grave, com baixa taxa de cura e a melhora no seu tratamento e diagnóstico representa um desafio para a oncologia atual. Este trabalho objetivou analisar a ocorrência de neoplasia maligna de esôfago nas regiões brasileiras de acordo com os perfis epidemiológicos, socioeconômicos e sociodemográficos. Foi realizado um estudo de investigação de caráter descritivo, retrospectivo e quantitativo. A população compreendeu portadores de neoplasia maligna do esôfago, internados por região brasileira, no período de 2008 a 2017. Os dados foram obtidos do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS). Registraram-se um maior número de casos da doença na faixa etária de 50 a 69 anos 60,28% (n=96.315), homens 76,45% (n=122.162), cor branca 41,10% (n=66.089). A região Sudeste apresentou o maior número de internações 58,86% (n=81.269) e a região Norte o menor 1,97% (n=3.157). Verificou-se a predominância de óbitos 16,52% (n=13.429) na região Sudeste. A região Norte apresentou a menor prevalência de internações (2 casos/100mil), menor número de óbitos, mas a maior taxa de mortalidade 19,16% (n=605), em contrapartida a região Sul apresentou a maior prevalência da doença (14,4/100 mil), mas a menor taxa de mortalidade 14,91% (n=6.220). Verificou-se, de acordo com os dados analisados, um aumento no número de internações em todas as regiões brasileiras (47 a 124%). O número de internações e óbitos por neoplasia de esôfago foi maior na região Sul e Sudeste. O setor privado demonstrou um gasto muito superior em relação ao público. O sexo masculino e a faixa etária entre 50-69 anos concentram os maiores números de internação e ocorrem com mais frequência no caráter de urgência. Tal fato pode ser atribuído à ineficácia de políticas de saúde acerca de informação e controle dessa doença.